

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (Anno X)



Anno III

Florianopolis, 22 de Novembro de 1919

Num. 14

Pallida imagem de nossa vida

Thereza e Rosa, galantes meninas, filhas de um honesto operario, que já há tempo perdera a esposa, caminhavam, por uma deserta estrada, a levar, como de costume, um simples almoço para o seu querido pai.

No meio do caminho eis que se desenrola um terrivel temporal.

Troves sobre trovões resoam no espaço, e a forte ventania, acompanhada de copiosa chuva, parece querer tudo destruir.

Thereza, que contava apenas 12 annos de idade, amedrontada, agarra a irmãzinha ao collo e corre sem atinar o caminho que devia tomar.

Já bem longe, quando suas forças iam desaparecendo pelo susto e pelo cansaço, parou: ao redor de si era uma floresta virgem!

Gritou por soccorro, mas são os trovões e relampagos responderam à sua voz.

Em vo procurou uma sahida: a matta era muito espessa!

Aterrada, sem saber como era pssivel alli se acharem, ajoelha-se; e, apertando a irmãzinha ao corao, supplica a Jesus que venha em seu auxilio.

A noite vinha chegando, e ellas, cansadas, adormeceram.

O pai, depois de procural-as por todos os recantos da villa sem as encontrar, retirase a casa, louca de dr, e encommenda a todos os Anjos do co os seus dous thesouros: Thereza e Rosa.

E, confiando na misericordia divina, que não desampara a ninguem, adormeceu.

O dia clareia...

Rumor estranho se ouve na matta, e Thereza, assustada, de um pulo se põe em p.

O rumor se approxima... e ella, com a irmãzinha nos braços, tenta fugir, porém, debalde, pois um machado, cortando a ramagem espessa, dá entrada a um homem de aspecto varonil.

Reconhecendo-o, as meninas lançaram-se-lhe ao pescoço, e elle, attonito, aperta-as ao corao...

— Filhas da minh'alma!...

— Pai!... meu pai!... e a commoo embarga-lhes a voz.

Passado um momento, o pai pergunta-lhes: Filhas! como  possivel vos terdes embrenhado na floresta?!... Mas vamos; não nos devemos deter aqui.

E, tomando-as pela mão, sahiram por onde elle tinha entrado. Quando já na estrada, as meninas contaram-lhe, minuciosamente, todo o occorrido.

Chegando a casa, de joelhos agradeceram a Deus por tel-os soccorrido tão poderosamente.

E' isso, carissimas irmãs em Maria Santissima, uma pallida imagem de nossa vida: s vezes nos embrenhamos, sem o pensar, numa floresta immensa, que são — as nossas paixões... os nossos peccados; e quando então reconhecemos o erro em que cahimos, bem difficil  livrar-nos delle.

Mas não desanimemos... Não fuamos  voz da consciencia... Orando com humildade e confiança, sentiremos a força irresistivel da divina misericordia: teremos coragem bastante para, de machado em punho, cortarmos o mal pela raiz.

E então, lançando-nos nos braços de Jesus amorosissimo, seremos por Elle guiados

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas :

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

—o—

A assignatura annual para os assignan'tes da «Epoca» custa 2\$000.

suavemente na senda escabrosa desta vida, até entrarmos no céu, onde, jubilosos, cantaremos eternamente os Seus louvores!

Açucena do Valle.

Florianopolis, 16 de Novembro de 1919.

Carta da roça

Sinha Sinfrosa, mûnto queirida.

Eu ja le screvi, sinha Sinfrosa, quas vez.

A máis premêra amóde qui foi no dia 11 de Maio e a derradêra no dia 9 de Julho.

Na máis premêra eu pratiçipava a vosmeçê qui era eu mêmo qui tava screvendo, e a mode qui na ôtra eu pedia qui, si vosmeçê não sôbesse qui era eu, qui me mandasse dizê pra mode de eu sabê qui vosmeçê não sabia, mas cumo vosmeçê não me arrespondia, eu jurguê qui vosmeçê estava duente, cumo na vredade é çerto, pois a mode qui uns dias adispôis a Porcopia Aniceta me screve por vosmeçê pra mim, no jonázinho das dona da cidade, dizendo qui vosmeçê sabia qui era eu mêmo qui tava screvendo, e qui vosmeçê tava ca sezão, pro mode que não podia screvê.

Fiquê mûnto triste cô essa anoticia, que a mode eu já suspeitava, e queiria logo screvê, mas a mode cô romatismo não deixô...

Pois é, sinha Sinfrosa, eu cô romatismo e vosmeçê cá sezão... Cruze!

E a cuitada da Porcopia Aniceta qui tá cá molestia no estâmo... Cuitada!

Ella que não tome remêdo do ispristimo, não, qui isso amode qui é uma armadilha prós incauto e inguinorante.

Vosmeçê dêve dizê a ella qui digue a comadre Marica qui se dêxe de ispristimo... qui isso é arte do demonho. Credo im cruze!... só ém falá nelles sinto tremôre no corpo todo.

Qui Nosso Senhô confunda elles.

Entonce passo agora a dizê quô tô screvendo proquê a mode qui já posso. Tô máis mió boa, graças a Deus Nosso Senhô, e desejo mûnto qui vosmeçê tambem já steje boasinha.

O Manuele, mô marido, munto se ar-recommenda pra fâmia de vosmeçê toda.

E o mêmo faço eu qui sô sempre a mêma sem tirá nem pô.

Bastiana Benta da Purificação.

Certão do Rio Tavares, 13 de Novembro de 1919.



Diario da Filha de Maria

Procurai agradecer! Sêde boas!

(Versão livre do francez por Mary)

I

Si quizerdes fazer o bem, Filhas de Maria, procurai agradecer, e, si quizerdes agradecer, sêde boas!

Si não sabeis attrahir o proximo, si não sabeis ser um pouco desejadas e um pouco amadas, si não sabeis agradecer, emfim, vós não fareis ou não fareis sinão imperfeitamente, o bem que Deus de vós espera.

Para sentir calor, é preciso que *me approxime do fogo*; para ser esclarecida, é preciso que *me approxime da luz*; para receber o que, para mim, Deus poz de bom e de bello em vossa intelligencia, é preciso que *me approxime de vós!*

E eu não me aproximarei sinão quando me sentir attrahida, porquê *vós me agradais!*

O que *attrae* é o sorriso dos labios, é a benevolencia do olhar, é esse mysterioso *quê* que empresta uma palavra a todas as vossas maneiras, a todos os vossos gestos, a todo o vosso proceder, parecendo assim dizer ao proximo: *Vinde a mim!* Sim, Filhas de Maria, *si quizerdes fazer o bem, procurai agradecer!*

As Ortiguera

COMEDIA EM 1 ACTO.

Traduzida do hespanhol por Edésia Aducci.

Personagens:

D. Maria,
Carmen, sua filha,
Ignacia, creada,
Genoveva,
Lucia,
Joanna.

Sala modesta. Móveis convenientes. Porta no fundo e lateraes.

SCENA II.

As procedentes e Ignacia.

Ignacia — (entrando) Que ordena a Sra.?

D. Maria — Nós vamos á missa.

Ignacia — Está bem.

D. Maria — Fez as compras?

Ignacia — Sim, senhora.

D. Maria — Quanto sobrou?

Ignacia — Sobrar? Que esquecida é a Sra.! Então não se lembra mais que me disse que era para pagar no fim do mez?

D. Maria — Ah! é verdade! Mas não extranhe, porque, com certas creadas, é preciso que se faça sempre tal pergunta. Não me refiro a você...

Ignacia — Já o sei, sim, senhora.

D. Maria — Você, graças a Deus, não nos tira nada!

Ignacia — (á parte) Pois si nesta casa nada há que se possa tirar...

D. Maria — Si vierem com alguma conta, diga que não estamos em casa.

Ignacia — Sim, senhora.

D. Maria — Mas, si trouxerem algum presente, receba, ouviu?

Ignacia — Ouvi, sim, senhora!

D. Maria — Não quero que se ponha de janella! Você já leu o regulamento da casa, no qual o prohibo terminantemente?

Ignacia — Não, senhora.

D. Maria — Como que não o prohibo?

Carmen — Ella disse que não o leu, mamãe.

D. Maria — E por que não?

Ignacia — Porque não sei ler.

D. Maria — Que vergonha! ... Quantos annos você tem?

Ignacia — Vinte e nove apenas.

D. Maria — Arre! Comquanto você tivesse apprendido uma lettra só por anno, já devia, apezar disso, saber ler. No primeiro anno aprenderia o A...

Carmen — (interrompendo) Com um anno apenas, mamãe? Ora, nessa idade ella aprendeu o que aprendeu a Sra., quando começava a andar.

D. Maria — (zangada) Cala-te! Não queiras comparar uma creada com a viuva do tenente Ortiguera!... Ignacia, você conhece o A?

Ignacia — Não, senhora.

D. Maria — E o B?

Ignacia — Tão pouco.

D. Maria — E o I?

Ignacia — Ainda menos!

D. Maria — Que refinada ignorancia!... Carmen, enquanto eu lhe ensino a ler, tu lhe ensinarás, de memoria, um artigo, por dia, do regulamento domestico.

Carmen — Eu já li um pouco para ella ouvir.

D. Maria — E fique sabendo desde já, Ignacia, que, no capitulo 189, referente aos balcões, janellas e demais lugares de exposição, há um artigo, o 59, que diz o seguinte, recitado ao pé da lettra: «A creada que voluntaria ou involuntariamente use constantemente da janella, sem justa causa, será incontinente...

Carmen — Mas, mamãe, esse artigo deve estar em verso!

D. Maria — ...será incontinente posta fóra do serviço desta casa. Compreendeu você?

Ignacia — Sim, senhora.

D. Maria — Então vamos á missa, Carmen.

Carmen — Vamos. (Vão sahindo).

D. Maria — (na porta, virando-se para trás) Lembre-se bem do que lhe disse, Ignacia: si trouxerem alguma factura...

Ignacia — Eu a receberei, já sei.

D. Maria — (irritada) Como?! Não seja tão nescia, mulher!, pois é justamente o contrario que você deve fazer.

Ignacia — Como a Sra. tinha dito antes que eu recebesse tudo o que trouxessem...

D. Maria — Tudo, sim, menos isso!

Ignacia — Ah! agora comprehendi.

D. Maria — Cuidado, pois, hein? (Sae com Carmen).

DOMINIOS DA ESPHINGE

(9.º torneio charadistico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Tres premios ás vencedoras

50) LOGOGRIPHO

A's aprendizizes

Alquebrado pelos annos,

Recorri á caridade,

Mendigando dia e noite

Pelas ruas da cidade.—4-9-1-11.

Apesar das frias noites

E tão triste solidão,—5-8-1-9

Passava horas inteiras

Repousando pelo chão.

Um dia, já muito tarde,

Fui bater a um convento,

Pr'a pedir á boa Irmã—1-2-3-8-7

Um pouquinho d'alimento.—6-2-9.

Extremamente abatido

Dessa vida que levava,

Não o nego, sou sincero—10-5-11-10

Com contrição eu orava.

Entretanto a negra sorte,

De perseguir-me, cansada,

Da concha d'este mollusco

Deu-me a parte nacarada.

Matuta Paulista.

51 e 52) APOCOPADAS

5—Numa cidade de S. Paulo é não raro encontrada a ave—3.

6—Na Capital não trabalha aquelle homem.—4. *E. A.*

Resultado do 8.º torneio charadistico

Couberam os premios ás exmas. senhoritas Alzira da Costa e Silva (56 pontos); Edésia Aducci (49); e Iracema Aducci (47). Fabiola obteve 24 pontos.

Soluções.

1 Arabata, 2 Rosmaninho, 3 Carapau, 4 Rebello, 5 Violino, 6 Manoela, 7 Carapuçacara, 8 Botelha-bote, 9 Amendoa, 10 Pepsina, 11 Pancreatina, 12 Cavatina, 13 Pinhola, 14 Jesus Sacramento, 15 Regato, 16 Orange, 17 Urumutum, 18 Saratoga, 19 Alcali, 20 Samouco, 21 Maltina, 22 Evaristo, 23 Ze-

ferino, 24 Soada, 25 Sagacidade, 26 Samaria, 27 Chibata, 28 Violeta, 29 Carambola-cala, 30 Pedreiro-pero, 31 Carapetão-Catão, 32 Fachina-China, 33 Cravinho-vinho (ou tomate-mate), 34 Trogalho-galho, 35 Coragem, 36 Vicunha, 37 Taleiga-taleigo, 38 Vespera-vespero, 39 Alva, luar, vaga, arau, 40 Fala, 41 Rebanho, 42 Sitio, 43 Migalha, 44 Galhofa, 45 Grilheta-grita, 46 Insidia-India, 47 Cebola, 48 Farinha, 49 Modestia-tia, 50 Contenda-tenda, 51 Arsinoé, 52 Quinta-feira, 53 Rebate, 54 Recurso, 55 Marietta-mata, 56 Pereira-pera, 57 Preciso-presno, 58 Almerinda-Alda (ou Leticia-Léa), 59 Retrato, 60 Arabia, 61 Malaria, 62 Cumprimentos, 63 Ovelha, 64 Calafrio, 65 Corisco-coco, 66 Minimo-mimo, 67 Gorumixama.

2) ANCILLA DOMINI

Margarida

Margarida crescia, tornando-se o encanto do pae. De intelligencia viva e ampla era dotada tambem de coração ardente, todo incendiado de divino amor. Como o pae, soffria a menina pela seqidão e friezas maternas: eram dois brazeiros ao lado de geleira.

Uma bella tarde de Fevereiro sahiram a passeio a mãe e a filha, pela sinuosa estrada da fazenda, onde D. Laura se dignava passar dois estupidos mezes por anno, como dizia ás boas amigas da Capital.

Margarida falava a todos os colonos que encontrava, perguntava-lhes pelas familias, interessava-se por tudo e por todos; D. Laura ia de semblante amuado e mal correspondia ao «douvado Deus!» dos pretos velhos. Numa volta da estrada avistaram uma preta octogenaria, protegida de Margarida.

— Ai! minha sinhásinha! — exclamou a boa da velha, — foi o Senhor Jesus quem a mandou aqui, tenho andado doente, e minha pobre neta, que me sustenta, está entrevada na cama, tão cedo não poderá lavar roupa. Minha sinhá-moça não trouxe nada para sua velha?

Margarida olhou para a mãe, que parecia contrariada.

— Vamos, Guida, nada temos a fazer aqui, mandarei trazer qualquer auxilio a essa mulher.

Mas a caridade de Margarida venceu a natural timidez que a empolgava ao lado da mãe:

— Catharina, minha boa vóvó preta, tua Guidasinha veiu sem bolsa hoje, mas deixa estar que não hei de esquecer, e Papae ha de indicar tambem um remedio para a tua neta; coitada, como tem soffrido com essas dóres a boa Eudoxia!

Vendo que D. Laura se tinha adiantado uns passos, a menina atirou-se carinhosa aos braços da preta, beijando-lhe com ternura a face encarquilhada, e num sorriso angelico dizendo:

— Este é o meu unico presente de hoje, vóvó, confia em N. Sr. e em sua santa Mãe!

E enquanto a valetudinaria voltava para sua casa, com a alma radiante de gratidão pela esmola do beijo, monologando a meia voz: «Que anjo é essa sinhásinha, nem um pouco de orgulhosa; é o Sr. moço Lulú sem tirar nem pôr, o mesmo coração, o mesmo geitinho celeste!» enquanto isso, caminhava a pequena cabisbaixa ao lado da Mãe, que a reprehendia com dureza, por esse acto, que de longe presenciára. Ao chegar a casa D. Laura interpellou o marido:

— Está lindo o resultado de tua educação exaltada e carola! Margarida lembra-se de beijar a primeira maltrapilha que lhe apparece como si fosse pessoa de familia! E' preciso que lhe faças comprehender que essa gente basta socorrer com esmolos...

— Que houve? — inquiriu Luiz com calma, — qual foi o crime de minha Guida, que vejo humilhada e triste?

— A velha Catharina pediu-lhe uma esmola, que eu prometti; não contente com isso, a menina abraça e beija a velha preta!

— E ralhaste com Guida por esse motivo?

— Ora, boa duvida!

— Vae brincar, meu anjo, depois chamar-te-ei para nossas lições — disse Luiz á filha; retirando-se esta, dirigiu-se á mulher: — Então, Laura, achas que a Guida merece ser reprehendida porque possui, graças a Deus, um coração sensível e compassivo, e que não se peja de tratar os pobres como irmãos seus, mais infelizes?

— Bem; si por ahi vamos, deverá a menina talvez abraçar e beijar cada mendigo?

— Eu não disse isso, Laura, nossa filha tem criterio bastante para distinguir: para Catharina foi essa caricia uma verdadeira esmola, recompensa da grande amizade que dedica a velha á nossa filha. Boa velha Catharina! quantas noites passou a cara vóvó velando junto a meu berço: quanta dedicação, quanto affecto naquelle coração de negra! Foi ella quem amamentou á minha mãe, e por isso era considerada quasi da familia.

— Não sei, — retrucou Laura em tom aspero, — eu entendo que o que esta gente quer e o que se lhe deve, é algum dinheiro... e mais nada. — Luiz suspirou e calou-se.

D. Laura pegou d'um livro recreativo para matar o tempo, enquanto o marido se occupava com as lições da filha. Era um momento delicioso para ambos; Margarida, intelligente e avida de saber, seguia com toda attenção as lições paternas. Luiz sabia fazer agradavel o estudo com seu modo brando e meigo e com a clareza de seu methodo de expôr. Não se immiscuia D. Laura na instrucção da menina; pouco instruída ella propria, inimiga de qualquer esforço, preferia gastar o tempo examinando jornaes de modas, dedilhando a valsa mais moderna ao piano ou consultando longa e minuciosamente o espelho amado sobre o penteado que mais gracioso lhe ficava á physionomia.